

# TABULEIRO DE LETRAS

## **Investimento na materialidade do conteúdo digital de blogueiros e *youtubers*: Perspectivas para a Literatura Brasileira Contemporânea**

## **Investment in materiality of the digital content by bloggers and *youtubers*: Perspectives for Contemporary Brazilian Literature**

Juliana Gervason Defilippo<sup>1</sup>  
Jennifer da Silva Gramiani Celeste<sup>2</sup>  
Camile Carvalho Nascimento<sup>3</sup>

**RESUMO:** Em meados dos anos 1990, maneiras distintas de relacionamento foram constituídas a partir da disseminação das novas tecnologias e dos diversos recursos disponibilizados pela Internet e pelos aparatos eletrônicos. Cita-se, ainda nessa seara, a construção coletiva e democrática de território virtual expressivo e vasto. Este artigo tem como objetivo suscitar reflexões acerca da atual tendência, proveniente do meio editorial, em realizar investimentos na publicação de livros impressos de autoria de produtores de conteúdo digital, entre eles blogueiros e *youtubers*, em sua maioria jovens entre quinze e vinte e cinco anos, embasando-se em mapeamento previamente elaborado para o presente estudo. Ressalta-se que, quase sempre, os conteúdos de suas obras podem ser facilmente acessados na grande rede. Frente a essa constatação, tal movimento nos parece uma verdadeira contradição, pois o que se espera é o crescente processo de digitalização do papel, isto se nos basearmos na história cultural do livro e na crescente difusão das tecnologias, a partir do advento da Internet. Diante desse cenário, faz-se pertinente refletir acerca da produção literária por blogueiros e *youtubers* e sobre o significativo interesse das grandes editoras em investir em tais publicações. Pretende-se apontar, ainda, perspectivas para a Literatura Brasileira Contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira Contemporânea; Publicações impressas; Livro digital; Blogueiros; *Youtubers*.

**ABSTRACT:** In the middle of the 1990s, different ways of relationship were constituted from the dissemination of new technologies and the various resources made available by the Internet and electronic devices. The collective and democratic construction of expressive and vast virtual territory is also mentioned in this section. This article aims to elicit reflections about the current tendency, coming from the editorial environment, to invest in the publication of printed books, authored by digital content producers, including bloggers and *youtubers* mostly

---

<sup>1</sup> Coordenadora Adjunta do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Pós-Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora em Estudos Literários (UFJF). E-mail: julianagervason@cesjf.br

<sup>2</sup> Mestranda em Letras (Literatura Brasileira). Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: djeceleste@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura. Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: camilejornalista@gmail.com

young people between fifteen and twenty five years old, according to the mapping previously prepared for the present study. It is emphasized that, almost always, the contents of his works can be easily accessed in the great network. Against this background, this movement seems to us a real contradiction, since what is expected is the growing process of paper digitization, based on the cultural history of the book and the growing diffusion of technology, from the advent of the Internet. Given this scenario, it is pertinent to reflect on the literary production by bloggers and youtubers, in addition, the significant interest of the great publishers in investing in such publications. It intends to point out, also, perspectives for Contemporary Brazilian Literature.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Printed publications; Digital book; Bloggers; Youtubers.

## Do papiro ao blog

A partir do momento no qual as organizações sociais se tornaram mais complexas, fez-se necessário desenvolver uma forma de registro mais eficiente que o modelo oral utilizado pelas sociedades. As novas formas de registro facilitaram o fluxo de atividades administrativas e econômicas, além de documentar a história vivida por tais sociedades. Segundo o pesquisador Frédéric Barbier, autor da obra *História do Livro* (2008), o *volumen* – ou rolo – foi de extrema importância na Antiguidade Clássica. Produzido a partir de tiras de papiro, alguns rolos – ou, pelo menos, seus fragmentos – foram conservados até os dias atuais contendo inscrições cristãs, litúrgicas, além de diplomas.

A atividade da escrita era realizada por um secretário o qual tomava o texto, ditado pelo autor, e que escrevia em um rascunho, frequentemente tabuletas de cera, e somente depois era passado a limpo, após a revisão, nas folhas de papiro. A leitura era então concretizada a partir dos atos de enrolar e desenrolar os rolos, sempre ao mesmo tempo, o que dificultava a navegação pelo texto completo. Hoje isso se torna possível e bastante viável com o advento do denominado códex.

Ainda de acordo com Barbier (2008), o suporte determinava a maneira pela qual a leitura do texto era realizada e como se dava a interação do leitor com o conteúdo, já que manipular os rolos, em sua maioria verticais, demandava certa postura durante a leitura, dificultando o trabalho simultâneo sobre vários rolos e, ademais, tomar notas, impondo também uma leitura unicamente linear.

Conforme aponta o historiador Roger Chartier, em *A mão do autor e a mente do editor* (2014), há, na história do livro, diversos pontos de mudança de suporte, o que também alterou a forma como o leitor se relaciona com o texto. Se antes com os pergaminhos havia uma dificuldade na interação com o livro, a chegada do livro como se conhece hoje, o códex, trouxe oportunidades de leituras antes inimagináveis.

Com as mãos livres para folhear, anotar e consultar mais de um livro ao mesmo tempo, o leitor do formato códex viu-se diante de novas possibilidades. A leitura, que antes somente era possível de forma linear, apresenta-se agora de modo mais fragmentado, oferecendo a seu leitor a possibilidade de voltar e avançar as páginas com mais fluidez, debruçar-se sobre o livro para fazer anotações e carregar consigo uma cópia para ser lida em outros lugares e não apenas em locais restritos, como antes ocorria com maior frequência.

No artigo *Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica* (2005), para as pesquisadoras Christine Benício e Alzira da Silva, o códex de pergaminho proporcionou, portanto, uma revolução na postura do leitor, além de ser apresentado como a ponte entre o papiro e a imprensa. Nicholas Carr, escritor cujos trabalhos exploram cultura e tecnologia, em *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros* (2011), afirma que a introdução de espaços entre as palavras também pode ser considerada uma relevante conquista e conseqüente melhoria, no que concerne ao processo de leitura. Pode-se citar, ainda, a autonomia detida pelos autores, que passaram “[...] a colocar suas palavras nas páginas eles mesmos, privadamente [...]” (CARR, 2011, p. 96). Esse fato oferecia maior fidedignidade ao conteúdo das produções.

Diante então de tantos avanços no desenvolvimento da confecção dos suportes literários, conforme Carr (2011) explicita, as obras dos remotos escritores trouxeram à tona “[...] ideias não convencionais, céticas e mesmo heréticas e sediciosas, estendendo os limites do conhecimento e da cultura [...]” (CARR, 2011, p. 96). Acerca dessa nova possibilidade de escrita, Carr (2011) nos esclarece que os argumentos utilizados nos livros vieram a se tornar mais longos e claros e, em contrapartida, mais complexos, estimulantes e desafiadores, uma vez que os autores, inconscientemente, refinavam seus conteúdos.

Nota-se, portanto, diante desse contingente de informações, apresentado até o presente momento, em relação ao processo evolutivo dos livros, que o suporte influencia na forma como o leitor se relaciona com o texto, conferindo-lhe diferentes experiências de leitura, de acordo com o formato, o manuseio e a interação, conforme comenta José Furtado, em *Do impresso ao digital: continuidades e transformações* (2006):

Ao lermos um livro, termos a experiência do texto usando tanto os nossos olhos como as nossas mãos. Quando um documento é em papel, podemos ver a dimensão, manusear as páginas para calcular o seu tamanho, podemos dobrar o canto de uma página enquanto procuramos outra seção do texto [...] (FURTADO, 2006, p. 140).

Também Carr (2011) discorre, brevemente, acerca dessa experiência que se constitui entre leitor e suporte literário, ao constatar que não se configura como exagero “[...] dizer que a escrita e a leitura dos livros intensificou e refinou a experiência das pessoas com a vida e a natureza [...]” (CARR, 2011, p. 109).

Antes de surgirem os *blogs* no espaço virtual, já era comum a existência dos diários íntimos em papel. Decorados com flores secas, desenhos e outros itens de bricolagem, suas páginas guardavam histórias em tons confessionais de seus autores, a fim de construir uma memória que pudesse ser acessada a qualquer momento que assim desejassem.

Com a gradual inserção da Internet e suas novas possibilidades digitais, foram desenvolvidos sistemas de publicação de diários virtuais chamados *weblogs*, que, devido à contração das palavras, passaram a ser conhecidos por *weblogs* e, mais tarde, por *blogs*. Essa ferramenta virtual logo conquistou o público jovem que migrou seus textos, antes secretos em um diário, para o meio digital, de domínio público.

Na obra *Blog: comunicação e escrita íntima na internet* (2004), segundo a estudiosa Denise Schittine, a prática da escrita do diário serve para registrar sensações e situações que, seu autor acredita, jamais retornarão. A escrita íntima tem, assim, uma relação estreita com seu autor e com o leitor que, na maioria das vezes, constitui-se como o mesmo sujeito. Baseando-se nesse pressuposto, é importante pensar o quanto a escrita pessoal foi modificada, ao ter a possibilidade de ser acessada por vários leitores, visto que durante a produção de conteúdo para a Internet é inteiramente possível fazer reflexões e alterações pelo diarista antes de se tornar pública e de acesso a todos.

Outra questão relevante relacionada às possibilidades em um diário virtual se encontra no fato de que nos *blogs* é possível não apenas reler o que foi escrito no passado, mas modificar o texto, de acordo com a visão do presente. Ao acessar um conteúdo antigo que não lhe agrada mais, o blogueiro pode editar o texto, incluir ou remover imagens, reescrever palavras, concedendo um novo sentido ao discorrer, ou até apagar seu conteúdo, o que não acontecia com tanta frequência, quando se tratava de um diário de papel, já que quaisquer alterações na escrita passada acarretavam em rasuras ou páginas arrancadas. A leitura contemplativa e saudosista de antes agora deu lugar a uma leitura mais crítica pelo diarista virtual. E a materialidade, presente no texto impresso ou redigido manualmente, perde-se na liquidez e efemeridade do espaço virtual, já que pode ser apagado com a mesma rapidez com a qual é criado. Afinal, como afirma Carr (2011), realizar a leitura de um livro se constituía, de fato, como uma espécie de processo não natural de pensamento que, devido a isso, trazia junto a si a exigência quanto à demasiada

dedicação. Nos termos utilizados por esse pesquisador, há alguns bons anos, os indivíduos “[...] pensavam profundamente enquanto liam profundamente [...]” (CARR, 2011, p. 95). Ainda sobre o descuido relativo à realização de leituras na era digital, o autor afirma:

[...] Quando estamos *online*, estamos em um ambiente que promove a leitura descuidada, o pensamento apressado e distraído e o aprendizado superficial. É possível pensar profundamente enquanto se surfa na net, assim como é possível pensar superficialmente enquanto se lê um livro, mas não é o tipo de pensamento que a tecnologia encoraja e recompensa (CARR, 2011, p. 162, grifo do autor).

No que se refere à imaterialidade, Carr (2011) nos auxilia sua compreensão com a seguinte colocação, pertinente à temática: “[...] uma vez que a informação é digitalizada, as fronteiras entre as mídias se dissolvem. Substituímos nossas ferramentas especializadas por um meio polivalente [...]” (CARR, 2011, p. 127).

Muito se tem debatido sobre a efemeridade do conteúdo digital. As principais redes sociais, como *Facebook*<sup>4</sup>, *Instagram*<sup>5</sup> e *Twitter*<sup>6</sup> possuem um sistema de *feed* de notícias que mostra em sua parte superior o conteúdo mais atual e, na parte inferior da tela, o conteúdo mais antigo. Para que seja possível o acesso a um conteúdo muito antigo, é necessário que o usuário utilize a barra de rolagem até que o encontre, já que não há um sistema de busca eficiente para viabilizar esse processo. No caso dos *blogs*, ao serem atualizados constantemente com novos textos, o sistema acaba por armazenar uma enorme quantidade de conteúdo acumulado, mas ainda assim mostra em suas páginas iniciais os artigos mais recentes, deixando para trás os conteúdos mais antigos.

É possível perceber até o presente momento que, no decorrer da história do livro, diversos suportes foram utilizados para armazenar as informações contidas nos textos. Do rolo de papiro ao formato digital, muitas mudanças na relação do leitor com o texto ocorreram e, certamente, a mudança do suporte em formato livro para a tela provavelmente não será a última, conforme as novas tecnologias podem comprovar. A convergência digital permitiu que diferentes formatos se unissem em única linguagem, a binária, sendo utilizado tal suporte para armazenar arquivos audiovisuais e textuais.

---

<sup>4</sup> Rede social na qual existe a possibilidade de se criar uma página de perfil pessoal, adicionar amigos, compartilhar textos, imagens e vídeos, trocar mensagens e integrar grupos de interesse.

<sup>5</sup> Rede social que permite o compartilhamento de imagens e vídeos.

<sup>6</sup> Rede social na qual os usuários podem divulgar e receber informações com até cento e quarenta caracteres.

No entanto, ainda há uma lacuna a ser preenchida, ao se tratar da materialidade, já que ao transportarmos um livro físico para o meio digital existe uma perda na relação sensorial do leitor com o objeto livro. Os sentidos que antes eram estimulados durante uma leitura, como o tato – ao tocar as páginas; o olfato – ao sentir o cheiro; e a visão – ao apreciar o trabalho de editoração na edição física, são exemplos de experiências sensoriais que se tornam reduzidas ao texto linear, quando lido em um leitor digital, conhecido popularmente como *e-reader*. Além disso, o afeto direcionado antes ao objeto livro nem sempre é redirecionado ao suporte digital, fazendo com que muitos leitores tradicionais ainda não tenham aderido a essa opção de leitura oferecida pelo mercado.

Na contramão desse movimento, tem-se formado um novo tipo de leitor, aquele que prioriza o conteúdo do texto e não mais o conjunto do objeto livro e toda a experiência proporcionada pela leitura no papel. As empresas e plataformas de leitores digitais tentam criar uma relação mais estreita em seus leitores, como estímulos afetivos ou diálogos com outras mídias, expandindo os espaços da leitura para além do próprio livro. Porém, não obstante às questões mais subjetivas, há outras vantagens particulares dos livros digitais: não ocupam espaço, podem ser transportados facilmente e têm – em sua grande maioria – um valor abaixo do preço usual comumente atribuído ao livro impresso.

### Do blog ao papel

No rol das inovações empreendidas no espaço virtual, um movimento que ocorre na Internet atualmente chama a atenção: os diálogos estabelecidos entre produtores de conteúdo digital e jovens internautas seguidores são mediados não apenas pelo meio virtual, mas também por livros impressos, contribuindo sobremaneira para a concretização da materialidade dessa relação. Estamos, assim, diante do dinâmico movimento relativo à produção e à publicação de obras literárias por blogueiros e *youtubers*, além do conseqüente investimento nesse ramo comercial impulsionado pelo mercado editorial brasileiro. Constitui-se, portanto, oportuna ocasião para que nos atentemos a este peculiar momento o qual é experimentado pela Literatura Brasileira Contemporânea, que, mais do que em qualquer outro período da história, jamais demonstrara tamanho interesse no que se refere à difusão de obras voltadas, em grande parte, ao público jovem, ditador de estilos, tendências e consumo.

Cabe ressaltar o significativo movimento realizado pelas editoras brasileiras em busca de reconhecidos internautas – detentores de grande número de seguidores, diga-se de passagem –

que estejam interessados em ingressar no universo literário. Este momento pelo qual o mercado editorial passa traz junto de si tantas repercussões que, em prol dessa dinâmica de produções, algumas editoras optaram ou se viram obrigadas a criar selos que pudessem abrigar tais livros. É o específico caso de editoras como a Autêntica, com o selo Gutenberg; a Companhia das Letras, com o selo Paralela; a Planeta, com o selo Outro Planeta; e a Record, com o selo Galera.

Deve-se considerar que esse rico cenário de viabilidades é promovido pelas peculiaridades que cada período da história oferece, segundo afirma a pesquisadora Leila Perrone-Moisés, autora de *Mutações da Literatura no Século XXI* (2016). De acordo com Perrone-Moisés (2016), as transformações proporcionadas pela disseminação da tecnologia, que ocorreu na virada do século, certamente afetaram a Literatura e o universo que abarca.

A partir da realização de um mapeamento<sup>7</sup> de dados referente ao contingente de produtos literários produzidos por internautas usuários dos *blogs* e dos canais do *YouTube*, averiguou-se forte tendência dessa vertente na Literatura nacional. O referido mapeamento restringiu-se ao período de janeiro de 2008 a dezembro de 2016, perpassando por oito anos de produção. Até o momento, foram recolhidos duzentos e vinte autores. Nota-se, nos anos iniciais de produção – de 2008 a 2012 – evidente oscilação quanto ao número de livros publicados. Entretanto, do ano de 2013 até o ano de 2016, tem-se um crescente aumento do número de lançamentos, alcançando, no último ano, a considerável marca de cento e cinco livros, a maior já percebida entre todos os anos contemplados por esta pesquisa.

Verificou-se, no grupo analisado no mapeamento, a existência de cento e quinze jovens autores, entre quinze e vinte e cinco anos de idade que, majoritariamente, dedicam suas obras aos seus pares – aqueles que possuem faixa etária semelhante às suas –, número significativo ao se comparar àquele que se refere às crianças e aos adultos escritores.

Percebe-se, diante dessa constatação, predominância quanto à escrita por jovens, fenômeno que nos leva a refletir acerca do processo de produção por esses indivíduos e o alcance dos produtos literários e seus respectivos conteúdos, que se alternam entre gêneros como crônica, manual, relato autobiográfico, romance ficcional e poesia, por exemplo. O mapeamento confeccionado possibilitou perceber que as produções textuais emergidas desse universo trazem à tona temáticas convenientes à fase da juventude. Daí, provavelmente, o sucesso desse fenômeno: a empatia e os vínculos transferenciais estabelecidos entre autores e

---

<sup>7</sup> Os dados levantados para o mapeamento fazem parte de um levantamento desenvolvido no grupo de pesquisa “A literatura brasileira contemporânea: diálogos, perspectivas e confluências”, do Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

leitores passam a deter vários significados, sendo um deles a descoberta de palavras que demonstrem afetos, angústias e tensões que, ainda que singulares e inerentes a cada um, constituem-se como sentimentos de caráter universal, compartilhados por seus pares. Vale citar que o estabelecimento das relações de alteridade entre autores e leitores se constrói a partir de suas produções literárias e da materialidade destas, por meio de impressos.

Analisando quantitativamente os dados coletados no mapeamento, pode-se notar que há uma busca pelas editoras por blogueiros e *youtubers* que tenham um grande número de seguidores: cita-se, a título de ilustração, Bruna Vieira<sup>8</sup>, Christian Figueiredo<sup>9</sup>, Felipe Neto<sup>10</sup>, Isabela Freitas<sup>11</sup> e Kéfera Buchmann<sup>12</sup>. É de fato perceptível que o método de análise quantitativa de popularidade usado por editoras, cuja finalidade é firmar parcerias literárias com esses criadores de conteúdo digital, toma como base o número de curtidas na página do *Facebook*, número de comentários por postagem e a quantidade de seguidores no *Instagram*, além da quantidade de visualizações nos vídeos postados no *YouTube*. Percebe-se que os blogueiros e *youtubers*, a despeito de demonstrarem interesse em se tornarem escritores, são procurados pelas editoras com propostas de publicação de algum material para suprir essa demanda do mercado<sup>13</sup>.

O mapeamento de produções literárias por internautas sustenta a dinâmica desse movimento de produção, refutando, por exemplo, o questionamento feito por Andrea Cecilia Ramal, especialista e autora da obra *Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem* (2002), que se encontra imbuído de preocupação quanto à prática de leitura por parte de jovens em meio aos computadores, à Internet e às suas facetas: “[...] Os papéis estão descartados diante da magia dos monitores e do ambiente digital? [...]” (RAMAL, 2002, p. 147). O panorama apresentado vai de encontro, também, com aquilo que é teorizado

<sup>8</sup> **Para mais informações:** < <https://www.youtube.com/user/canaldepoisdosquinze> >, com aproximadamente 1.221.886 inscritos. Último acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>9</sup> **Para mais informações:** < <https://www.youtube.com/user/euficoloko> >, com aproximadamente 6.887.794 inscritos. Último acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>10</sup> **Para mais informações:** < <https://www.youtube.com/user/felipeneto> >, com aproximadamente 7.655.326 inscritos. Último acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>11</sup> **Para mais informações:** < <https://www.youtube.com/user/IsabelaaFreitas> >, com aproximadamente 471.889 inscritos. Último acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>12</sup> **Para mais informações:** < <https://www.youtube.com/user/5incominutos> >, com aproximadamente 9.986.570 inscritos. Último acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>13</sup> Entre os blogueiros e *youtubers* interessados na indústria literária, é sabido que alguns de fato produzem seus livros, enquanto outros contam com o auxílio de um escritor contratado pela editora, cuja função é denominada *ghostwriter* – escritor fantasma. Esse escriba redige o texto para as obras dos internautas, de acordo com o desejo destes, porém, e quem recebe os créditos pelo trabalho são exatamente estes últimos. Este artigo não entrará no mérito dessa discussão, uma vez que não se faz relevante para a abordagem explorada.

por Perrone-Moisés (2016), sobre o que ela mesma denomina como “fim da literatura”, sendo que este, diz a estudiosa, corresponde a apenas um sobressalto difundido por muitos anos até o término do século passado, uma espécie de ensaio que jamais se concretiza, pois “[...] a produção e a edição de obras literárias, cada vez mais abundantes e dos mais variados gêneros, têm desmentido as previsões apocalípticas [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 255). O mapeamento elaborado abarca, como se pode perceber, as editoras e seus selos editoriais que, ao contrário do fluxo da digitalização, apostam na materialidade do papel com a publicação dos livros dos reconhecidos internautas que fizeram seus nomes na grande rede no decorrer de anos.

É interessante pensar que, mesmo sendo os *blogs* ferramentas utilizadas para armazenar e recuperar artigos mais antigos, ainda há uma lacuna a ser preenchida em relação à materialidade de tais conteúdos. Logo, uma das formas encontradas por blogueiros e *youtubers* – e pelas grandes editoras brasileiras – foi a concretização dessa dinâmica de publicação de livros em papel, deslocando os jovens internautas produtores do espaço virtual que os consolidou, aproximando-os ainda mais dos seguidores e leitores.

Há discussões no meio literário que questionam os limites entre um blogueiro ser apenas um diarista, aquele que relata fatos ocorridos em sua vida, e ser, verdadeiramente, um escritor. Acerca desse fato cabe lembrar que a autobiografia, por exemplo, por muito tempo foi menosprezada, não se atribuindo a devida importância a escritores que depositavam em suas páginas relatos de suas vidas pessoais. No entanto, pode-se notar que:

Um dos caminhos que a crítica literária usou durante muito tempo foi o de separar, dentro das obras dos escritores mais importantes, o que faria parte do escrito íntimo e da ficção desses autores. [...] Mesmo depois, quando o escrito íntimo tomaria o seu lugar no meio literário, ele ainda teria que enfrentar uma série de preconceitos da própria crítica até que pudesse se afirmar como um tipo de escrita considerado importante (SCHITTINE, 2004, p. 9).

Partindo dessa premissa, um blogueiro que produza conteúdo na *web*, que tenha uma comunidade forte em torno de sua imagem e que cause em seus leitores um desejo de estar mais próximo, tornando-se uma espécie de celebridade no ciberespaço, transforma-se num ícone perfeito para materializar sua presença, sua voz – antes acessível apenas no meio digital, por meio das telas dos dispositivos eletrônicos – via publicações impressas.

De acordo com as pesquisadoras Olga Silva e Alice Martha, no artigo *A interação na leitura em blogs e sua mediação na formação de jovens leitores* (2015), as editoras se reinventam ao longo do tempo e acabam por moldar as publicações com base nas demandas

dos leitores e, incluímos aqui, do mercado. Isso é perceptível ao acompanhar uma tendência crescente de publicação de livros dos jovens em destaque, seja com textos inéditos, ou na forma de coletânea de artigos já publicados em seus respectivos *blogs*, como é o caso de *Depois dos quinze* (2012) e *A menina que colecionava borboletas* (2013), ambos os títulos da autoria da blogueira Bruna Vieira, talvez uma das principais precursoras a trilhar esse inusitado caminho. Já no caso de Kéfera Buchmann, *youtuber* autora de *Muito mais que cinco minutos* (2015) e *Tá gravando, e agora?* (2016) – este segundo lançado na 24ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo<sup>14</sup> –, o material que compõe seus livros é produção autoral e autobiográfica, ausente nas mídias escritas, haja vista que a jovem utiliza apenas a plataforma do *YouTube* e, portanto, compartilha suas publicações em forma de vídeos.

As inúmeras publicações disponíveis no mercado, escritas por blogueiros e *youtubers*, conferem ao leitor um produto que possa ser manipulado, guardado e exibido junto a outros livros, já que é possível perceber ser este um público que aprecia ter o material em mãos, em um movimento que se alterna do instantâneo, do fugaz e efêmero ao material, ao objeto perene. Perrone-Moisés (2016) nos norteia quanto a esse fenômeno, quando discorre sobre a relação entre jovens leitores e os suportes livro na era digital, relatando-nos que se faz perceptível uma espécie de fetichização do livro, principalmente quando se observa a maneira como os jovens indivíduos mostram e manuseiam tal suporte. Essas ações revelam, aponta a autora, certo apego aos objetos, um orgulho em detê-los, “[...] em oposição inconsciente ao mundo digital em que eles estão, no qual nada é palpável [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 57). Ainda conforme teoriza Chartier (2014), “[...] a materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto, se o que entendemos por este termo são as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade [...]” (CHARTIER, 2014, p. 11).

É verdade que a Internet permite certa intimidade entre o escritor e o leitor, mas ainda assim há uma necessidade pelo objeto, pela materialização palpável do produto virtual. A maior parte do material disponível nos livros colhidos no mapeamento confeccionado pode ser encontrada nas mídias dos blogueiros e *youtubers*, porém, as editoras continuam apostando em sua publicação impressa e nos leitores, assim movimentando o mercado e mantendo essas obras

---

<sup>14</sup> Para mais informações, acessar a reportagem presente no *link*: < <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/07/com-best-sellers-e-youtubers-bienal-do-livro-de-sp-anuncia-programacao.html> > Último acesso em: 20 jan. 2018.

nas listas dos livros mais vendidos, o que pode ser facilmente verificado nas páginas *online* da Revista Veja ou da *Publishnews*. Sempre haverá, pelo menos, dois ou três títulos desses internautas.

Com a popularização dos *blogs* e o destaque de alguns blogueiros como influenciadores digitais, cresce o número de admiradores não apenas de seus conteúdos, mas também se auxilia a criação de um imaginário acerca do indivíduo, colocando-o num patamar elevado, já que se torna um ícone da Internet, uma personalidade a ser seguida, copiada e idolatrada. A esse respeito recorreremos à obra *Cultura de massas no século XX* (2011), da autoria do especialista Edgar Morin:

Um Olimpo de vedetes domina a cultura de massa, mas se comunica, pela cultura de massa, com a humanidade corrente. Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação (MORIN, 2011, p. 101).

Cada escritor tem seu público-alvo definido que, via de regra, acompanha seu trabalho por meio do *blog* e das redes sociais. São esses leitores do *blog* que consomem o livro físico ao ser publicado, além de participarem dos denominados "encontrinhos", como são chamados os eventos promovidos pelos internautas, para que seus seguidores os conheçam pessoalmente. Ou, ainda, ações de peso maior, como sessão de autógrafos com os autores, atingindo números desconhecidos no universo literário. Um exemplo significativo desses movimentos é a relação que os leitores e fãs alimentam com a *youtuber* Kéfera Buchamnn. No ano de 2016, organizadores da 24ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo e responsáveis pelo seu segundo livro, publicado pelo selo Paralela, pertencente à Companhia das Letras, distribuíram senhas quinze dias antes para a sessão de autógrafos. Nesses casos, um leitor deixa de ser apenas um admirador do conteúdo publicado, tanto nos *blogs* e nos canais do *YouTube* quanto nos livros, passando a assumir o papel de fã, tendo o blogueiro como um ídolo, um objeto de desejo comparado aos livros que publica, aquecendo ainda mais o mercado editorial. Isso demonstra que as editoras também estão em busca de um público já formado, apostando no desejo pela materialidade do conteúdo digital e investindo na publicação de livros físicos de influenciadores digitais.

Pode-se observar que, mesmo com recursos os quais permitam ao leitor construir uma comunidade em torno dos internautas de sucesso, ter uma relação íntima com seu ídolo nas redes sociais, acompanhar as novas publicações em seus *blogs* e interagir por meio de

comentários, ainda há espaços vazios nessas relações que parecem ser compensados com a aquisição dos livros impressos assinados por blogueiros e *youtubers*.

Talvez por isso os jovens busquem o livro impresso. Frente a uma modernidade líquida, efêmera, na qual nada se pega, nada é certo e quinze minutos é, ainda, o tempo que dura a fama, um vídeo do *YouTube* pode ser apagado, um *blog* deletado e um ídolo simplesmente esquecido. Logo, ter o livro impresso dá ao leitor um pouco mais de materialidade e vida para aquilo que ele aprendeu a gostar e a admirar, e que está mais acessível no objeto livro do que na tela de seu computador. Nesse caso não se trata apenas do consumo do texto, que poderia ser feito via leitura do *blog* ou assistindo a um vídeo, mas sim de colocar na estante um objeto de admiração, um pedaço material do indivíduo que se admira. Diante de tudo isso, não se pode ignorar o fato de que há fascínio dos jovens em relação ao ciberespaço.

Ora, os paradoxos enfrentados por aqueles que passam pela fase da juventude podem ser encontrados nesse “não lugar”, que é o espaço abrigado pela grande rede de computadores, conforme presente na obra *A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica* (2014), da autoria de Nádia Laguárdia de Lima: “[...] o encontro entre o virtual e o real, o público e o privado, a interioridade e a exterioridade, o conhecido e o desconhecido [...]” (LIMA, 2014, p. 294). Quando se tem, finalmente, o acesso a algo constituído de matéria, algo que não lhes irá escapar entre os dedos, algo que os levem a se identificar com seus pares, algo que os auxilie a reter o tempo da juventude, tão “fluido e instável”, nas palavras da autora, os paradoxos, inerentes a essa fase, parecem se atenuarem, ao tomarem uma forma menos assustadora. À Literatura, talvez, frente a esse investimento na materialidade dos conteúdos digitais, possa ser atribuída mais uma função: tornar o caminhar dos jovens permeado por luzes e não somente por obscuridades.

É preciso refletir, também, acerca do fato de que os influenciadores digitais têm extrapolado as fronteiras da indústria literária. Muitas marcas que fabricam e comercializam produtos, como roupas, calçados, cosméticos e artigos de papelaria, por exemplo, têm suas campanhas publicitárias encabeçadas por famosos blogueiros e *youtubers*, algumas vezes assinando os produtos, em outras apenas divulgando-os.

Trata-se de uma verdadeira estratégia comercial: já que os jovens internautas famosos possuem grande empatia e receptividade em relação ao público constituído por seus pares, muito certamente os produtos por eles lançados terão considerável visibilidade e procura. Afinal, estamos falando de um público jovem, que constitui significativa parcela do mercado consumidor atual. Compreende-se, então, que o lançamento e a difusão dessas obras literárias,

em paralelo com os outros mercados que exploram a imagem desses blogueiros e *youtubers*, demonstram a urgência da indústria do entretenimento quanto à sua atualização diante das demandas dos indivíduos, sejam leitores, sejam consumidores.

Ao lado desse forte aquecimento do mercado editorial, em que as publicações do gênero lançam escritores de forma veloz, surgem discursos extremamente críticos a respeito do conteúdo e da qualidade desse material. Este artigo não pretende, por ora, discutir critérios de valor a respeito das publicações impressas e, sobretudo, dos conceitos que validam e legitimam esses autores oriundos do espaço virtual. Nota-se, sobretudo nas colunas de jornais e em alguns dos artigos publicados em revistas fora da academia, a redução desse movimento, ao que chamam de “fenômeno das massas” e, ainda, como uma moda que será tão passageira como foi a dos livros para colorir<sup>15</sup>. Em relação a isso, recorreremos aos registros do crítico Umberto Eco, em *Apocalípticos e Integrados* (2015):

[...] O universo das comunicações de massa é – reconheçamo-lo ou não – o nosso universo: e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva (ECO, 2015, p. 15).

Ao comentário de Eco (2015) adicionamos agora também a Internet, ao lado dos citados jornais, rádio, televisão e música. Presume-se que a primeira característica do produto de massa, conforme ainda assevera o referido autor, configura-se como sendo a efemeridade, e compreendemos que tal fenômeno, ou moda, precisa de um atento e cuidadoso olhar para dele retirar os apontamentos apocalípticos, além dos apontamentos integrados. Este artigo não se apresenta como um enaltecimento aos livros produzidos por blogueiros e *youtubers*, tendo em vista que não propôs uma análise detalhada dessa produção, apenas um levantamento dos dados apresentados no mapeamento anteriormente citado.

A reflexão que aqui se propôs é a respeito do livro enquanto objeto material que não desapareceu e, possivelmente, nunca esteve tão presente nas mãos dos intelectuais e das massas. Realidade que é evidenciada diante de uma sociedade líquida, saturada por tecnologias digitais e impregnada pela obsolescência planejada, que substituem as referências de matéria.

---

<sup>15</sup> Para mais informações, acessar a reportagem presente no *link*: < <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/24/com-moda-de-livros-para-colorir-venda-de-lapis-de-cor-dispara-210.htm> > Último acesso em: 20 jan. 2018.

Eco (2015), no que se refere às rejeições que sofreram a televisão e o rádio, quando inseridos em meio social, cita um crítico que, incomodado com Beethoven sendo veiculado no rádio, em detrimento dos concertos, afirma: “[...] o homem que assobia Beethoven porque o ouviu pelo rádio já é um homem que, embora ao simples nível da melodia, se aproximou de Beethoven [...]” (ECO, 2015, p. 45). Parafraseando Eco (2015), a partir do que este artigo pretendeu discutir e contra todas as profecias que prometiam a morte do livro e da leitura, sobretudo nas mãos da geração que nasceu e cresceu no espaço virtual, podemos dizer que esses jovens que buscam e celebram os livros impressos de seus ídolos virtuais são jovens que se aproximaram do livro – provavelmente com muito mais afeto e constância do que as gerações que os precederam.

O estímulo ao encontro com a Literatura é também preconizado pelo historiador Tzvetan Todorov, na obra *A literatura em perigo* (2010), quando o teórico aponta que é necessário encorajar o hábito da leitura, quaisquer sejam os meios, desde obras clássicas a romances contemporâneos. São os considerados “livros populares”, explica Todorov (2010), que fizeram surgir caminhos vários ligando o público jovem ao hábito da leitura, possibilitando-lhes “[...] a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas [...]” (TODOROV, 2010, p. 82). Afinal, segundo o estudioso, aquilo que é propiciado pelos livros não é um novo saber, mas a capacidade de comunicação com seres semelhantes a nós – “[...] o horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema da ligação humana [...]” (TODOROV, 2010, p. 81).

Aproximando-nos do término deste discorrer, trazemos as contribuições da bibliotecária Geneviève Patte, presentes na obra *Deixem que leiam* (2012), que nos apresenta a posicionamentos relevantes e contrastantes à problemática em voga. Para a autora, a imensidão de informações que é proporcionada nos dias atuais, principalmente pela Internet, não encontra quaisquer empecilhos, vez que não existem barreiras na era digital: “[...] a Internet [...] está aberta a tudo e a todos, sem distinção [...]” (PATTE, 2012, p. 329). Todavia,

[...] em nosso mundo invadido de ruídos, sons e imagens, é uma audácia propor [...] textos com o silêncio e as palavras que os acompanham. É reconfortante ver esses jovens acolher, tomar a palavra e envolver-se com essas obras literárias que os tocam de verdade (PATTE, 2012, p. 284).

Aproveitemos, então, essa inédita oportunidade de materialidade em meio à efemeridade característica do universo digital, não nos privando do olhar crítico que permita entrever os ônus e, sobretudo, os bônus dessa realidade.

## Referências

BARBIER, Frédéric. *História do Livro*. São Paulo: Editora Paulistana, 2009.

BENÍCIO, Christine; SILVA, Alzira Karla Araújo da. *Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica*. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/580/418>> Acesso em: 25 jan. 2017.

BUCHMANN, Kéfera. *Muito mais que cinco minutos*. São Paulo: Paralela, 2015.

\_\_\_\_\_. *Tá gravando e agora?*. São Paulo: Paralela, 2016.

CARR, Nicholas. *A Geração Superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ECO, Umberto. *Sobre a Literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FURTADO, José. *Do impresso ao digital: continuidades e transformações*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2011.

PATTE, Geneviève. *Deixem que leiam*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da Literatura no Século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMAL, Andrea Cecilia. *Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Olga; MARTHA, Alice. *A interação na leitura em blogs e sua mediação na formação de jovens leitores*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/5/OlgaOSilva.pdf>> Acesso em: 25 jan. 2017.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

VIEIRA, Bruna. *Depois dos Quinze*. Belo Horizonte: Gutemberg, 2012.

\_\_\_\_\_. *A menina que colecionava borboletas*. Belo Horizonte: Gutemberg, 2013.

Recebido em: 09 de fevereiro de 2018.

Aceito em: 09 de maio de 2018.